



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**Análise dos índices de feminicídios em 2018 no Distrito
Federal e a cobertura do jornal on-line *Metrópoles***

ANNA BEATRIZ LOPES VIEIRA

**Brasília - DF
2021**

**Análise dos índices de feminicídios em 2018 no
Distrito Federal e a cobertura do jornal on-line
*Metrópoles***

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como resquício para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra Rafiza Luziani Varão
Ribeiro Carvalho

Brasília, DF

2021

Anna Beatriz Lopes Vieira

Análise dos índices de feminicídios em 2018 no Distrito Federal e a cobertura do jornal on-line *Metrópoles*

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como resquício para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
(Orientadora)

Profa. Ma. Nathália Coelho da Silva
(Membro 1)

Profa. Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão
(Membro 2)

Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo quero agradecer a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível e eu não estaria aqui hoje, podendo encerrar esse ciclo com o coração cheio e alegre.

Quero agradecer à minha família, minha mãe, Nélia, meu pai, Kleber e minha irmã, Mariana. Se não fosse pelo suporte e pelo apoio de vocês eu não sei como teria passado por esses últimos cinco anos de faculdade, vocês são meu tudo, meu muro e minha rocha, obrigada por sempre estarem ao meu lado e nunca desistirem de mim. Obrigada pelos momentos de descontração e pelos docinhos quando precisei e por sempre estarem comigo.

Mamãe, esse trabalho só tomou forma pela base que você construiu, seu trabalho e sua dedicação foram o pontapé inicial dessa pesquisa. Você já fez muito por mim, pela nossa família e, devo dizer, por essa cidade. Você é incrível, espero que goste do que eu fiz por aqui.

Ao meu namorado, Kaio, obrigada por me dar suporte nos momentos que mais estava angustiada, por acreditar em mim e por falar que eu ia conseguir, eu consegui mesmo. Aos meus amigos, a Aylane e a Juliana, vocês aguentaram todas as minhas mensagens e meus áudios e isso não é para qualquer um, mas também a Jacke, Zi, Alê, Mari, Catarina, Gui, Monique... e tantos outros que se por algum motivo esqueci de mencionar, peço desculpas, mas os tenho no coração e os amo.

Meu obrigada especial à professora Rafiza, que teve fé em mim quando nem eu estava tendo, que acreditou no meu trabalho e esteve ao meu lado nesse momento de pandemia e que com certeza foi a melhor orientadora que eu pude desejar. Desculpa pelas mensagens de madrugada e por ter deixado a adrenalina a mil por aqui.

Para a minha avó Maria Tereza, que não pode ver esse momento chegar. Sei que a senhora está orgulhosa de mim aí no céu, junto com o vô Nilo e da vó Cornélia, celebrem por mim. Vovô Nery está feliz por mim do jeitinho dele, aqui embaixo.

A toda a minha família, os meus tios, tias, primos, primas, a minha afilhada e aos meus padrinhos por me tornarem quem eu sou.

A todos que passaram pela minha vida e me fizeram chegar aonde estou hoje. Meu muito obrigada.

DEDICATÓRIA

Para a minha inspiração nesse projeto, essas mulheres que me motivam a ser mais forte e lutar contra esse crime que assola nosso país, as mulheres que conseguiram sobreviver às tentativas de feminicídio de companheiros, conhecidos ou até mesmo desconhecidos pelo fato de serem mulheres, para mostrar a esses homens que acreditam ter algum poder ou controle sobre elas, que nós estamos aqui atentas e que vamos apoiar nossas irmãs.

RESUMO

Em 2015 o feminicídio, assassinato de mulheres por razão de menosprezo ou discriminação ao seu gênero, foi inserido no Código Penal Brasileiro como um qualificador do crime de homicídio. A partir desse momento a imprensa passou a fazer a cobertura desses casos, os nomeando da forma correta e dando a devida importância. Só no ano de 2018 foram registrados pela Secretaria de Segurança do Distrito Federal 28 casos sob essa designação, sendo que no ano que a lei entrou em vigor foram contabilizados apenas 5 casos, já em 2016 foram 21 ocorrências e em 2017 apenas 18. O presente trabalho analisa as matérias publicadas pelo jornal on-line *Metrópoles* sobre esses registros, identificando a forma como os jornalistas as escrevem, quantas foram publicadas, e sua abordagem do feminicídio, por meio de análise de conteúdo. Conclui-se que a falta de mulheres na cobertura desses casos faz com que as matérias sejam insensíveis e que não se coloque muito cuidado na vida da mulher sem ser a parte em que está relacionada ao seu agressor.

Palavras-chave: Jornalismo; Feminicídio; *Metrópoles*; Análise de Conteúdo; Distrito Federal.

ABSTRACT

In 2015, feminicide, the murder of women because of disrespect or discrimination against their gender, was inserted in the Brazilian Penal Code as a qualifier of the crime of homicide. From that moment on, the press started to report these cases, naming them in the correct way and giving them due importance. Only in the year 2018 28 cases were registered by the Federal District Security Secretary under this designation, being that in the year the law went into effect only 5 cases were accounted for, in 2016 there were 21 occurrences and in 2017 only 18. The present work analyzes the materials published by the on-line newspaper *Metrópolis* about these records, identifying the way journalists write them, how many were published, and their approach to feminicide, through content analysis. It is concluded that the lack of women in the coverage of these cases makes the stories insensitive and that not much care is put into the woman's life other than the part where it is related to her aggressor.

Keywords: Journalism; Feminicide; *Metrópolis*; Content Analysis; Federal District.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FEMINICÍDIO	12
2.1 Elas por Elas	15
3. HISTÓRIA DO TERMO NO BRASIL	17
3.1 O caso Ângela Diniz	17
3.2 A lei do Feminicídio	20
4. PRIMEIROS CASOS E O FEMINICÍDIO HOJE	22
5. METODOLOGIA: SOBRE A ANÁLISE DE CONTEÚDO	25
5.1 Pré- Análise	25
5.2 Exploração do material	30
5.2.1 A vítima	32
5.2.2 O agressor	37
5.2.3 O crime	40
5.2.4 Autoria das matérias	43
5.3 Resultados gerais	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
7. Referências	52

1. INTRODUÇÃO

No dia 9 de março de 2015 entrou em vigor a Lei 13.104/15, conhecida como Lei do Feminicídio. A nova legislação fez com que o Código Penal brasileiro fosse alterado. Ao contrário do que muitos acreditam, o feminicídio não é uma classificação de crime isolada e sim uma das classificações do crime de homicídio, se referindo, nesse caso, à quando o assassinato de uma mulher se deve ao fato de ela ser mulher, pelo menosprezo ou a discriminação da vítima por seu gênero.

Crimes que no passado foram considerados como passionais, que eram cometidos “por amor” ou fortes emoções, ou tinham como argumento a legítima defesa da honra, se encaixam hoje na tipologia do feminicídio. Os casos Eloá, Doca Street (assassino da socialite Ângela Diniz), Lindomar Castilho, Sandra Gomide e Daniela Perez são alguns exemplos que marcaram o país e hoje seriam considerados feminicídios. Todos eles tiveram uma grande cobertura da mídia na época em que aconteceram e a forma como foram abordados foi extremamente sensacionalista. Mas será que o mesmo ainda acontece após tantos anos?

Este trabalho tem como objetivo analisar os casos de feminicídio que aconteceram no Distrito Federal no ano de 2018, três anos após a lei entrar em vigor, e como esses crimes foram tratados pelo jornal on-line *Metrópoles*.

A escolha do ano se deu por já ter se passado tempo suficiente para se entender a lei e para caso os portais cometessem erros no início de suas coberturas já poderiam ter aprendido e criado novas formas de reportagem.

Por meio desse trabalho busca-se compreender quem é o foco da reportagem, se são mostrados os históricos tanto da vítima quanto do assassino, como ambos são apresentados e se alguma forma o criminoso é defendido.

As diversas formas de violências praticadas contra a mulher sempre permearam a sociedade brasileira, todavia, até pouquíssimo tempo, o Estado e a sociedade em geral se

mostravam bastante tolerantes com tais violências, até que, após denúncia do Brasil nos órgãos internacionais por violação de direitos humanos das mulheres, o país criou a Lei n.º 11.340 de 2006, conhecida popularmente como a 'Lei Maria da Penha'. (BRAVO, 2019, p.3)

O medo de ser morta é algo que se faz presente na vida das mulheres, como atestam os mais diversos dados. Em uma reportagem feita pelo G1 e escrita por Clara Velasco, Gabriela Caesar e Thiago Reis (publicada em 07/03/2018; Atualizada em 05/03/2020)¹, foi apurado que, em média, 12 mulheres eram assassinadas por dia no país, uma a cada duas horas.

Segundo Samira Bueno e Juliana Martins, “[...] Se considerarmos o último relatório da Organização Mundial da Saúde, o Brasil ocuparia a 7ª posição entre as nações mais violentas para as mulheres de um total de 83 países” (G1, 2018).²

Além disso, o livro *Feminicídio tipificação, poder e discurso* mostrou que no *Mapa da Violência: homicídio de mulheres no Brasil* (WAISELFISZ, 2015, p. 13 e 37) está documentado que havia 13 feminicídios por dia no país em 2015, o que colocava o Brasil em quinto lugar no ranking de países que mais matam mulheres.

Durante o ano de 2020, segundo a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), 17 mulheres foram vítimas de feminicídio, 60 sofreram tentativa de feminicídio, 15.995 sofreram violência doméstica e 606 foram estupradas.

Um medo que já existia na mulher, mas que agora passou a ser mais explícito, é o de ser morta pelo companheiro, principalmente em casos de agressões sofridas antes da data do assassinato. Segundo o *Relatório de*

¹Disponível em:

http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/feminicidios-no-brasil/?_ga=2.194436142.2034809153.1634776569-e3ff1a5c-0342-8b41-f7cd-a06a87585971. Acesso em 20 out. 2021.

²Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/nada-a-comemorar.ghtml>
Acesso em: 20 out. 2021.

*Monitoramento dos Femicídios no Distrito Federal (2021)*³, publicado pela Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), desde a data de publicação da Lei do Femicídio até julho de 2021, das 128 vítimas, 37 mulheres fizeram um total de 79 ocorrências - uma das vítimas chegou a fazer seis denúncias.

Com os registros, 29 vítimas fizeram um requerimento de medidas protetivas de urgência, mas apenas 26 foram deferidas e, dessas, 14 faleceram enquanto esses pedidos estavam em vigor. Já os casos sem registro, dos 46 deles, em 23 foi descoberto posteriormente, através de testemunhas, que as vítimas sofriam agressões, mas não chegaram a denunciar.

Durante o período do relatório foram registrados 122 autores, sendo que 22 morreram após o crime e apenas em um deles foi encontrado no documento as suas motivações. Dez deles não aceitavam o fim da relação, oito cometeram feminicídio por ciúmes ou sentimento de posse e os outros quatro ainda estão em apuração.

Quantas vezes histórias ou desabafos foram postados nas mídias sociais de mulheres que tinham medo de terminar um relacionamento com alguém que descobriram ser possessivo e controlador, por medo de que ele faça algo contra elas, que as bata ou que até mesmo as mate.

Casos de feminicídio não estão cada vez mais comuns como pode parecer, na minha visão só estão sendo mais divulgados pela mídia, mais investigados pela polícia e as tentativas e as violências estão sendo mais denunciadas pelas vítimas, mas ainda assim é difícil combater esse crime antes que aconteça já que a polícia muitas vezes tem problemas em controlar as medidas protetivas que as mulheres pedem contra seus ex companheiros.

Diante de tudo isso, o objetivo desta pesquisa é analisar e entender como o jornal on-line *Metrópoles* abordou os casos de feminicídio que

³ Disponível em:

http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2021/06/NOVO___ACUMULADO_GERAL-2.pdf

Acesso em 20 out. 2021.

aconteceram no Distrito Federal no ano de 2018. Durante a pesquisa foi observada a linguagem abordada pelo jornal nas publicações referentes aos casos, se há diferenças no tratamento ao se falar da vítima e do agressor, se o *Metrópoles* busca informar e explicar formas de possíveis vítimas de feminicídio possam pedir por ajuda ou denunciar seu agressor e também observar até que ponto essas matérias se tornam ou não sensacionalistas. Para saber se houve a cobertura de todos os casos ocorridos naquele ano ou se por algum motivo apenas focaram em ocorrências específicas, será usado o relatório da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), que foi o resultado da compilação dos dados dos crimes daquele ano.

O relatório contém a quantidade de crimes de feminicídio consumados, separados por região administrativa, a incidência de feminicídio por mês, os perfis da vítima e dos autores onde é possível ver a média da idade de ambos, a motivação para o crime, a relação entre o autor do crime e a vítima, se o agressor possuía ou não antecedentes, os locais das agressões, a ocupação do autor e sua situação judicial e os tipos de armas usadas nos crimes.

Para a análise das matérias do *Metrópoles* foi utilizado o método da análise de conteúdo, tal como foi proposto por Bardin (2016), cobrindo o período de 1 de janeiro de 2018 a 31 de dezembro de 2018.

A escolha desse período se deu pois já haviam se passado três anos que a Lei do Feminicídio entrou em vigor, tempo suficiente para se ver suas aplicações na sociedade. No ano seguinte, o *Metrópoles* criou a editoria “Elas por Elas”, na qual a cobertura desses crimes era o foco principal.

Esse trabalho foi dividido nos seguintes capítulos: **Feminicídio** - onde é explicada a origem do termo, sua história e como eram os casos de assassinato de mulheres no Brasil antes dele passar a ser empregado; **História do termo no Brasil** - capítulo onde é contado sobre o caso Ângela Diniz e a defesa de legítima defesa da honra e a criação da lei no país; **Primeiros casos e o feminicídio hoje** - voltado para a contextualização dos primeiros casos no Distrito Federal e sua evolução com o passar dos tempos

até o ano de 2020; **Metodologia** - aqui há a explicação da metodologia usada e os dados obtidos com a pesquisa.

2. FEMINICÍDIO

Segundo Jeová Rodrigues Barbosa, em seu livro *Feminicídio no Brasil Raízes, estratégias e resultados* (2018), por volta do século XVI, a condição da mulher no país era degradante, ela era nada mais nada menos do que uma escrava. Isso falando das mulheres brancas, que eram aquelas que se tornavam senhoras. Elas apenas serviam para cuidar da casa, dos filhos e atender as necessidades de seus senhores sempre que esses quisessem. Apesar de seus maridos poderem ter suas amantes, as esposas estavam proibidas de dormir com outro homem, sob o risco de serem assassinadas pelo marido por cometer o crime de adultério e manchar a honra do homem com quem estava casada.

O assassino não sofreria nenhuma consequência pelos seus atos, afinal, ele estava apenas agindo sobre a influência da tristeza por ver o alvo de seu sentimento de posse e “amor” com outra pessoa. Essa tese vem da época do Brasil Colônia e, segundo o portal *Politize*⁴ (POLITIZE, 2021), fazia parte do Livro V das Ordenações Filipinas, conjunto de Leis de Felipe II de Espanha e adotada por D. João IV em Portugal e suas colônias.

A lei permitia que o marido matasse sua esposa e o amante, caso essa fosse flagrada cometendo adultério, para que assim a sua honra fosse mantida. Em 1830 essa permissão foi retirada do Código Criminal Brasileiro e, em 1890, o novo Código Penal parou de considerar crime os homicídios cometidos “sob um estado de total perturbação dos sentidos e da inteligência” (POLITIZE, 2021)⁵. Isso fez com que muitos autores de crimes chamados de passionais fossem absolvidos.

⁴ Disponível em: <<https://www.politize.com.br/tese-da-legitima-defesa-da-honra/>> Acesso em: 8 set. 2021.

⁵ Disponível em: <<https://www.politize.com.br/tese-da-legitima-defesa-da-honra/>> Acesso em: 8 set. 2021.

Isso significava que se um homem matasse uma mulher caso esta cometesse adultério, ou por conta de uma crise de ciúmes que o levasse a ficar perturbado, isso seria justificado pela lei da época.

A etimologia do termo feminicídio diz que a palavra deriva do latim “femina.ae”, que significa fêmea, e do sufixo -cídio. Define o assassinato proposital de mulheres apenas pelo fato de serem mulheres e crimes de ódio contra seres humanos do sexo feminino, sendo eles agressões verbais, físicas e/ou psicológicas (DICIO, 2019).⁶

Segundo Olívia Maria Cardoso Gomes, no livro *Violência Doméstica e Migrações* (2015), o termo feminicídio foi criado pelos movimentos feministas na década de 1970, mas só tomou forma duas décadas depois, em 1990 com Jane Caputi e Diana Russell, socióloga sul africana. Diana também foi quem usou o termo em público pela primeira vez.

Nós temos que reconhecer que muitos homicídios são na verdade feminicídios. Temos que reconhecer a política sexual do assassinato. Desde a queima das bruxas no passado, ao mais recente costume difundido de infanticídio feminino em muitas sociedades, a assassinato de mulheres por “honra”, nós percebemos que feminicídio já dura há muito tempo. Mas, uma vez que envolve meras mulheres, não havia nenhum nome para isso antes que o termo feminicídio fosse cunhado (RUSSELL, 2012, *tradução nossa*).⁷

Isso aconteceu durante sua participação no Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, que aconteceu em 1976 em Bruxelas, na Bélgica, que foi um debate de quatro dias voltado para feministas radicais que contou com a presença de 2000 mulheres de 40 países diferentes. O evento foi chamado por Simone de Beauvoir como “o início da descolonização radical das mulheres” (RUSSELL, 2012).

Segundo a legislação, há duas razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve violência doméstica e familiar e o menosprezo ou

⁶ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/femicidio/>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

⁷ No original: "We must realize that a lot of homicide is in fact femicide. We must recognize the sexual politics of murder. From the burning of witches in the past, to the more recent widespread custom of female infanticide in many societies, to the killing of women for "honor," we realize that femicide has been going on a long time. But since it involves mere females, there was no name for it before the term femicide was coined."

discriminação à condição de mulher, mas existem outros tipos de violência contra a mulher, presentes na Lei Maria da Penha, que também podem anteceder o assassinato, são elas:

1. Violência física: qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher: espancamento, atirar objetos/sacudir/apertar os braços, estrangulamento e sufocamento, lesões com objetos cortantes ou perfurantes, ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo e tortura.
2. Violência psicológica: conduta que cause danos emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões: ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento (proibição de estudar, viajar ou falar com amigos e parentes), vigilância constante, perseguição contumaz, insultos, chantagem, exploração, limitação do direito de ir e vir, ridicularização, tirar a liberdade de crença, distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre sua memória e sanidade (*gaslighting*).
3. Violência sexual: qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força: estupro, obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar, forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação, limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher,
4. Violência patrimonial: qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades: controlar o dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruição de documentos pessoais, furto, extorsão ou dano, estelionato, privar de bens, valores ou recursos econômicos, causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste.
5. Violência moral: qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria: acusar a mulher de traição, emitir juízos morais sobre a conduta, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima,

rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a sua índole, desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).⁸

Segundo a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD Contínua) de 2019, as mulheres são maioria no Brasil, representando 51,8% da população, mas ainda assim vivemos em uma sociedade patriarcal que, segundo Jeová Rodrigues Barbosa, em seu livro *Feminicídio no Brasil* (2018), foi instaurado no país por volta do século XVI com a vinda dos portugueses. Nessa época, “[...] a mulher era vista como a figura do lar e obedecia rigorosamente aos seus senhores até mesmo na vida íntima” (BARBOSA, 2018, p. 8).

2.1 Elas por Elas

Criado por Olívia Meireles, editora do núcleo de reportagens especiais do *Metrópoles*, e Lilian Tahan, diretora-executiva do portal, o projeto editorial *Elas por Elas* teve como objetivo o debate dos tipos de violência contra a mulher e suas consequências na sociedade, além de criar um ambiente de identificação e apoio para as vítimas dessas violências. A editoria foi composta exclusivamente por mulheres, 47 no total.

Segundo a editora, as coberturas dos crimes de feminicídio são acompanhadas pela mesma equipe que faz a cobertura da parte de segurança pública, o que fazia as matérias serem escritas de forma semelhante aos outros tipos de assassinato, sem um cuidado maior na vítima e sim no foco mais policial. Para ela, era necessário contar o ciclo que levou aquele fim e se aprofundar mais no assunto.

Olívia Meireles acredita “[...]numa vontade coletiva de muitas redações em mudar a maneira como essas histórias são contadas” (MEIRELES, 2021), com o projeto foi possível sensibilizar o público, explica o problema e ter uma

⁸ Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>>
Acesso em: 25 jul 2021.

forma mais concreta de cobrar das autoridades competentes a solução de todos os casos, pois não existe um mais importante que o outro.

A apresentação dessas mulheres que não sobreviveram às violências, sem tratá-las com o estigma de vítimas, mas sim como mulheres, mães e sonhadoras, fez com que muitas outras se identificassem e tivessem confiança para pedir ajuda, assim as jornalistas da editoria iniciam uma conversa, as auxiliam na busca de soluções e analisam se a publicação de uma matéria as colocaria em risco, pois o mais importante é o bem-estar e a segurança de quem está do outro lado.

Vencedor de seis prêmios de jornalismo, o projeto já esteve presente em congressos de jornalismo, universidades e levou o assunto sobre a violência contra a mulher para dentro da sala de aula de alguns colégios do Distrito Federal.

3. HISTÓRIA DO TERMO NO BRASIL

3.1 O caso Ângela Diniz

Como já foi citado, alguns assassinatos de mulheres marcaram o país, um deles foi o da socialite Ângela Diniz, morta com quatro tiros pelo companheiro, o empresário Raul Fernando do Amaral Street, mais conhecido como Doca Street. Mas o que o tornou memorável não foi apenas o crime em si, mas também a tese usada pelo advogado de defesa durante o julgamento: a legítima defesa da honra.

Foto 1 - Chamada da matéria do jornal O Globo do dia 02/01/77 pág 21 mostra o corpo de Ângela Diniz exposto após os tiros



Fonte: Acervo O Globo.

Segundo o podcast *Praia dos Ossos* (VIANNA. Spotify, 2020)⁹, apresentado por Branca Vianna, tudo aconteceu no dia 30 de dezembro de 1976, em uma casa de veraneio na praia homônima que deu nome ao podcast,

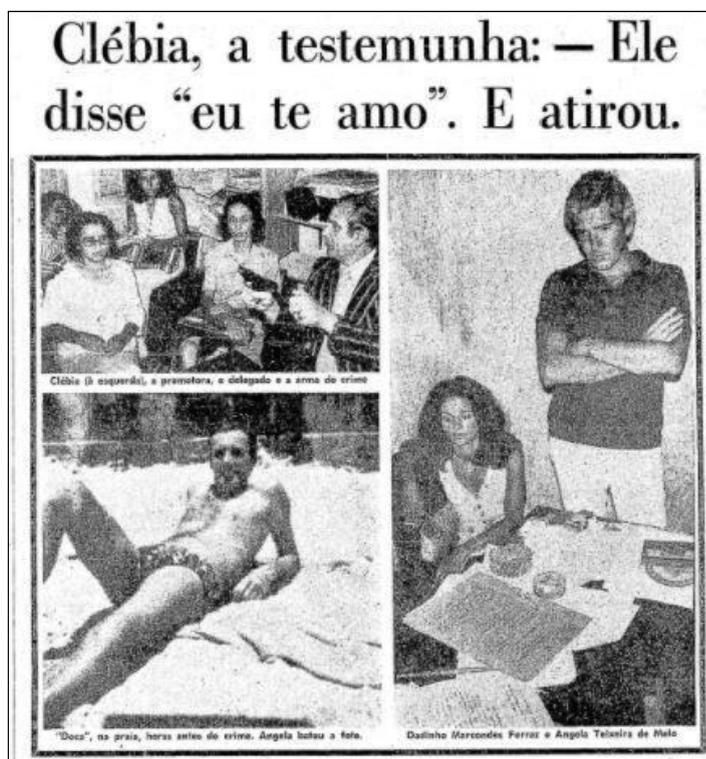
⁹ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2Kki0IWqyMWegWAF2mZQg>> Acesso em: 29 mar. 2021

localizada em Búzios, na época Cabo Frio, no Rio de Janeiro. Ângela Diniz foi assassinada pelo companheiro da época, Doca Street, com três tiros no rosto e um na nuca, logo após terminar o relacionamento.

Após o crime, ele ficou foragido por 17 dias até que se apresentou a um jornalista para dar uma entrevista e dois dias depois se internou em uma clínica médica em São Paulo onde foi capturado pelos policiais.

Doca assumiu ter matado a companheira, mas disse ter feito aquilo num momento de desespero, que sentia que tudo era um pesadelo pois ele era apaixonado por ela. A mídia a todo momento o apresentou como um homem que perdeu o controle com medo de perder quem amava, além de publicar várias teorias que indicavam que outra pessoa matou Ângela e que a culpa foi colocada sobre ele. Doca ficou preso por apenas sete meses até que conseguiu o *habeas corpus*¹⁰.

Foto 2 - Chamada da matéria do jornal O Globo do dia 06/01/77 pág 10



Fonte: Acervo O Globo.

¹⁰ Ação judicial para garantir liberdade diante de prisão ilegal.

Houve dois julgamentos do caso. O primeiro aconteceu três anos após os fatos, em 1979, mas o crime em nenhum momento foi esquecido, já que a mídia estava acompanhando cada passo da investigação e a população também já havia tomado lados. O julgamento foi inteiramente filmado e também transmitido via rádio. O júri popular era composto por cinco homens e duas mulheres e os principais advogados foram Evaristo de Moraes Filho no lado da acusação e Evandro Lins e Silva fez a defesa.

Quando Evandro começou a apresentar o caso, falou sobre o perfil tanto da vítima quanto daquele que ele defendia. Mostrou Doca como um rapaz de boa índole, que vinha de uma boa família, neto de um homem que trabalhou na legislação social do Brasil, sem antecedentes e que sempre procurou dar o seu melhor para prover o bem-estar da ex-esposa e dos dois filhos quando ainda era casado.

O homem tentava fazer o mesmo por Ângela e agora sofria de remorso pelo erro que cometeu. Era o que o advogado tentava mostrar, que ele já estava pagando pelos seus atos e que não havia necessidade de uma condenação já que no fim só queria fazer daquela que amava, uma mulher melhor.

Ao falar de Ângela, Evandro a mostrou como uma mulher bela e sedutora, à frente do seu tempo, mas não de uma maneira boa. Uma jovem que aos 26 anos abandonou o marido e os três filhos, ela era alguém que não ficava muito tempo parada, sempre viajando entre Rio e Belo Horizonte, namoradeira e gostava de uma vida noturna, alguém que aos olhos da sociedade não passava de uma libertina que chegou até mesmo a sequestrar a filha mais nova, na época com 4 anos. Era essa a descrição de Ângela. Ângela chegou a ser autuada por uso de entorpecentes depois que a polícia achou cigarros de maconha em seu apartamento em Copacabana.

Após apresentar vítima e acusado, Evandro, então, foi para o ponto central de sua defesa: Doca Street agiu em legítima defesa da honra, já que essa estava sendo ameaçada pelo comportamento depravado de Ângela.

Apesar de essa não ser uma defesa legal, era um argumento válido que poderia ser usado para convencer o júri popular para que ele fosse absolvido.

O advogado deixou claro que não sustentava o direito de matar, mas que essa é apenas uma explicação do que levou Doca ao assassinato, era apenas um homem que teve sua dignidade atacada, ele merecia ser desculpado, na verdade ele era a real vítima do crime que cometeu, sua defesa de certa forma funcionou.

Doca foi considerado culpado por excesso culposo na legítima defesa e condenado a um ano e seis meses, mas como ele já havia passado sete meses preso antes do julgamento, cumprindo assim um terço da sua pena, ele saiu livre do tribunal.

Dois anos depois, entretanto, o veredito foi anulado e em 1981 o segundo julgamento aconteceu, em um ambiente bem diferente do primeiro. Após a sentença branda de Doca, casos semelhantes passaram a acontecer no país, mas dessa vez com donas de casa respeitáveis, então já não havia a mesma desculpa.

No mesmo período também surgiram movimentos de mulheres, tudo isso desencadeou uma onda de manifestações a favor do direito de pessoas do sexo feminino. Tudo isso fez com que o clima dentro do julgamento mudasse, já que a defesa usada no anterior não cabia mais. Doca foi novamente condenado, desta vez a 15 anos de reclusão por homicídio qualificado.

3.2 A Lei do Femicídio

Renata Bravo (2019) também nos traz em seu livro que o Brasil, com outros países latino-americanos, se encontravam unidos na luta pela prevenção de qualquer tipo de violência contra mulheres. Assim, ele decidiu seguir outras nações que haviam criado legislações específicas para investigar a morte violenta das mulheres.

O Brasil foi o 15º país a criar a tipificação penal para essa forma de homicídio e foi escolhido para ser o 1º a adaptar o *Modelo de Protocolo latino-americano para investigação das mortes violentas de mulheres por*

razões de gênero, elaborado pelo Escritório Regional do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres).

Com isso as *Diretrizes Nacionais para investigar, processar e julgar, com perspectiva de gênero, as mortes violentas de mulheres (feminicídios)* foram criadas em 2016, ano seguinte à implementação da tipificação do feminicídio no Código Penal brasileiro.

A lei do feminicídio (Lei 13.104/15) como já foi falado, é na verdade uma tipificação do homicídio qualificado, em que classifica o crime como sendo “contra a mulher por razões da condição do sexo feminino”.

O inciso 2º - A (§2º-A) da lei fala que “considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I - violência doméstica e famílias; II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher”.

De acordo como inciso 7º (§7º) “A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado: I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto; II - contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência; III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima.”

A lei entrou em vigor no dia da sua publicação, 9 de março de 2015; 194º da Independência e 127º da República e foi implementada pela então presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

4. PRIMEIROS CASOS COM ESSA DESIGNAÇÃO E O FEMINICÍDIO HOJE

Em 2015, primeiro ano da lei, a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF) registrou no relatório de crimes de feminicídio 5 casos entre março e dezembro do mesmo ano. Gama, Estrutural e Planaltina tiveram 1, enquanto Guará houve 2, já as tentativas foram num total de 6.

No dia 10 de março de 2015, primeiro dia em que a Lei 13.104/2015 passou a vigorar, foi registrada a primeira tentativa de feminicídio. O fato aconteceu por volta das 2h no bairro de Guarani, na região norte de Belo Horizonte. Um homem de 41 anos, ex-marido de uma dona de casa de 38, usou uma cópia da chave para invadir a casa e esfaquear a mulher enquanto ela dormia. Ao entrar na residência, ele foi diretamente ao quarto em que ela estava e a atacou na frente de uma amiga de dois dos três filhos do casal. O mais velho, de 17 anos, chegou a tomar a faca do pai e esfaqueá-lo.

O acusado confessou o crime e disse que o fez por não aceitar o fim da relação. Uma das filhas, de 14 anos, contou que os pais estavam separados há um ano e já há três meses não moravam na mesma casa. Ela também afirmou que o pai já havia agredido a mulher antes e na semana anterior havia mandado uma mensagem a ameaçando.

Já o primeiro caso de feminicídio registrado no Distrito Federal aconteceu no dia 15 de abril de 2015, quando o policial militar reformado Jailson Guedes Ferreira assassinou com um tiro de pistola calibre 380 a companheira, também policial militar reformada, Neide Rodrigues Ribeiro em sua casa na Ceilândia, o casal estava junto há 20 anos e o motivo do tiro, segundo o acusado, foi que sua esposa o provocou falando que ele não era homem.

Na época, Jailson estava com o porte de armas suspenso devido a problemas emocionais e segundo o inquérito da polícia Neide era vítima de

violência e tentava a separação, mas sem sucesso. Dois anos depois do caso, ele foi considerado culpado e condenado a 19 anos e 6 meses pelo crime.

Em dezembro de 2015, houve a primeira condenação por feminicídio no DF. João Paulo Miranda foi sentenciado a 34 anos de reclusão após matar a companheira Maria de Fátima e o vizinho Gilvane Bezerra Marinho em 19 de julho de 2015. Ela sofria violência doméstica e familiar e já havia sido ameaçada de morte.

O caso aconteceu após o casal, que estava acompanhado de vizinhos, sair de um bar depois que tiveram um desentendimento com a dona do estabelecimento. No carro, João e Maria tiveram uma discussão e ele mandou que todos descessem do veículo. Em seguida, o acusado saiu e disparou primeiro no homem que estava mais a frente e depois na companheira. João também tentou atirar na amiga, mas a arma falhou e ele não conseguiu.

Segundo o *Mapa do Monitor da Violência* (G1, 2018)¹¹, publicado pelo portal de notícias G1, e atualizado pela última vez em março do ano passado, no ano em que a lei entrou em vigor foram 445 casos em 14 estados do Brasil e no Distrito Federal. As outras UFs (Unidades da Federação) não forneceram nenhum dado. No ano seguinte houve 763 feminicídios e mais 4 estados adicionados à lista anterior. Já em 2017 tivemos 1047 crimes desse tipo em um total de 24 UFs. No ano analisado por este trabalho, foram 1225 relatos de feminicídio em todo o país. Nenhum estado, dessa vez, ficou sem fornecer os dados adquiridos.

Passando para os anos mais atuais, em 2019 tivemos 1314 casos registrados e em 2020, primeiro ano da pandemia do Covid-19, o Brasil contabilizou 1350 assassinatos de mulheres, o que, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, representa um feminicídio a cada seis horas e meia no país.

¹¹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-n-o-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>> Acesso em: 20 out. 2021.

Houve um aumento desse tipo de caso em 14 das 27 unidades federativas sendo que o Mato Grosso liderava a lista, já no caso contrário o Distrito Federal era quem estava à frente das unidades que estavam com um melhor índice (0,4), ou seja, em que os crimes diminuíram.

No contexto do DF, entre 2015 e setembro deste ano, foram registrados 126 feminicídios, desses 98,4% estão confirmados como tal e 1,6%, 2 casos, ainda estão sob análise. Até o ano de 2020, tivemos um total de 109 dos 6144 casos do país, isso corresponde a 1,77% dos crimes.

Segundo a SSP-DF o ano de 2019 está em primeiro com 29 casos, seguido do ano de 2018, ano estudado, com 25. O ano com menos crimes registrados foi o ano de início da lei, 2015.

É importante ressaltar que esses números não são precisos. Com o passar do tempo, algumas ocorrências podem ter sua classificação alterada com os julgamentos e vários dos dados correspondem a pesquisas de jornais que podem ter confundido algum dado. Todos estão sendo colocados como uma média e os dados que vou me ater são aqueles divulgados pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal.

Originalmente, quando o documento usado para o estudo foi publicado, em janeiro de 2019, foram contabilizados 28 casos de feminicídio. Entretanto, nas tabelas atuais do órgão, estão registrados apenas 25, ou seja, três foram retirados desta lista inicial.

Não foi possível encontrar uma explicação sobre os motivos que levaram a essa alteração nos dados, mas o primeiro valor é o que será a base deste trabalho e das matérias do jornal on-line *Metrópoles* postadas no ano de 2018.

5. METODOLOGIA: SOBRE A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para esse estudo será utilizado a metodologia de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016), método empírico que depende do tipo de “fala” a que é dedicada e o tipo de interpretação que se pretende obter. Pode ser definida também como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2016, p. 36).

Essa forma de análise dá liberdade ao seu usuário para que ele possa adaptar as suas técnicas para que essa se encaixe da melhor forma com o seu objeto de estudo e seu objetivo final

O objeto deste trabalho são as matérias do jornal *Metrópoles* publicadas entre o dia 1 de janeiro de 2018 e 31 de dezembro do mesmo ano. Neste capítulo, descrevemos os processos da análise de conteúdo que foram adotados para a compreensão de como o veículo apresenta os casos de feminicídio no Distrito Federal.

5.1 Pré- Análise

A pré-análise é a fase de organização, em que sistematizamos as ideias iniciais, escolhemos os documentos, formulamos as hipóteses e os objetivos do trabalho (BARDIN, 2016).

Para a escolha de documentos foram escolhidas duas regras, a *regra de homogeneidade*, em que os documentos selecionados obedeciam ao critério criado por mim de terem ligação com os crimes de feminicídio cometidos em 2018 e publicados pelo portal on-line *Metrópoles*. A segunda regra escolhida foi a *regra de pertinência*, neste caso os documentos são adequados enquanto fonte de informação (BARDIN, 2016).

Com o *Relatório de Análise de Fenômenos de Segurança Pública* de 2018, produzido pela SSP-DF, em mãos, foi possível ter apenas os dados gerais dos casos de feminicídio, não sendo possível encontrar as datas e as

relações entre cada uma das informações, o que também dificultaria encontrar as matérias correspondentes.

Através de uma pesquisa foi encontrada a matéria “Dia da Mulher: JBr. relembra os casos das 28 vítimas de feminicídio em 2018”, e a autora da matéria entrou em contato com a Polícia Civil do DF para conseguir os dados específicos dos crimes e os separou por data (RODRIGUES. *Jornal de Brasília*, 2019)¹²

Fazendo uma comparação dos dois documentos foi possível comprovar que os dados da matéria do *Jornal de Brasília* correspondiam ao do relatório da SSP-DF, sendo verificado, para confirmação, as unidades federativas em que aconteceram os crimes, as armas utilizadas e a relação interpessoal entre autor e vítima.

Com as datas e nomes das vítimas em mãos, foi usada a ferramenta de busca do site *Metrópolis*. Inicialmente foi buscada a palavra feminicídio no site e aí localizadas as matérias por datas e fatores ocorridos. Depois foi pesquisado o nome das vítimas em buscas de matérias que poderiam ter passado durante a primeira pesquisa.

A tabela abaixo está organizada na ordem em que os assassinatos aconteceram e identificada pelos nomes das vítimas. Nas linhas 4 e 12 as vítimas estão identificadas por iniciais porque a polícia optou por não dar os seus nomes.

¹² Disponível em:

<<https://jornaldebrasil.com.br/brasil/dia-da-mulher-jbr-relembra-os-casos-das-28-vitimas-de-feminicidio-em-2018/amp/>> Acesso em: 24 maio. 2021

Tabela 1 - Organização das matérias por vítimas

Nome das vítimas	Título da matéria	Link da matéria
Clésia de Souza Andrade	PM e namorada mortos no DF: suspeita de homicídio seguido de suicídio	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/pm-e-namorada-mortos-no-df-suspeita-de-homicidio-seguido-de-suicidio?amp
Palloma Lima	Jovem de 18 anos morre com tiro na cabeça após roleta russa no DF	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/jovem-de-18-anos-morre-com-tiro-na-cabeca-apos-roleta-russa-no-df?amp
Isa Mara Dantas Longuinho Floriano	DF: homem que assassinou a mulher e queimou o corpo dela pega 20 anos	https://www.metropoles.com/violencia-contra-a-mulher/df-homem-que-assassinou-a-mulher-e-queimou-o-corpo-de-la-pega-20-anos
L.N.T.G	•	•
Isabel Lino de Souza	Filho mata a mãe com cinco golpes de guidão de bicicleta na cabeça	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/filho-mata-a-propria-mae-com-barra-de-ferro-no-df?amp
Sandra Rodrigues	Bombeiros encontram corpo queimado dentro de contêiner, no Guará I	https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-apagar-incendio-bombeiros-encontram-corpo-queimado-no-guará-i?amp
Romilda Torres de Souza	PCDF investiga arma usada por homem que matou a mulher e suicidou-se	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/homem-assassina-a-propria-mulher-e-se-mata-na-406-sul
Mary Stella Maris Gomes Rodrigues dos Santos	Piloto do Metrô-DF mata a mulher e se suicida na frente do filho	https://www.metropoles.com/distrito-federal/homem-mata-mulher-a-tiros-e-depois-comete-suicidio-no-df

Maria Adeles Nunes Pereira	Inquilino suspeito de matar dona de imóvel é achado em Ceilândia	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/inquilino-suspeito-de-matar-dona-de-imovel-e-achado-em-ceilandia
Jusselia Martins de Godoy	Morre advogada atacada a tiros por ex-marido em Planaltina	https://www.metropoles.com/distrito-federal/morre-advogada-atacada-a-tiros-por-ex-marido-em-planaltina
Jéssyka Laynara da Silva Souza	PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/df-pm-mata-ex-atira-em-professor-de-academia-de-ginastica-e-foge
L.C.M	•	•
Talita Silva Martins	Suspeita de tortura: corpo de mulher é achado carbonizado em banheiro	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/suspeita-de-tortura-corpo-de-mulher-e-achado-carbonizado-em-banheiro
Tauane Moraes dos Santos	Homem mata ex um dia após ser solto em audiência de custódia no DF	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/homem-mata-ex-um-dia-apos-ser-solto-em-audiencia-de-custodia-no-df
Janaína Romão Lúcio	Funcionária do Ministério dos Direitos Humanos é morta por ex-marido	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/funcionaria-do-ministerio-dos-direitos-humanos-e-morta-por-ex-marido
Marília Jane de Souza Silva	Após discussão, taxista mata mulher a tiros no Distrito Federal	https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-discussao-taxista-mata-mulher-a-tiros-no-distrito-federal
Carla Grazielle Rodrigues Zandoná	Mulher morre ao cair de prédio na Asa Sul. Suspeita é de feminicídio	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mulher-morre-ao-cair-de-predio-na-asa-sul

Adriana Castro Rosa Santos	PM matou mulher e tirou a própria vida na frente dos filhos no DF	https://www.metropoles.com/distrito-federal/policial-militar-mata-ex-mulher-e-tira-a-propria-vida-no-df
Maria Regina Araújo	DF: homem mata companheira com 20 facadas na frente da filha e foge	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/df-homem-mata-companheira-com-20-facadas-na-frente-da-filha-e-foge
Simone de Sousa Lima	Ex-marido é suspeito de matar mulher grávida com facão no DF	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mulher-e-achada-morta-no-df-ex-marido-e-suspeito-do-crime
Laurielle Máximo Moreira	Mulher achada nua na Asa Norte foi executada com cerca de 10 tiros	https://www.metropoles.com/distrito-federal/corpo-de-mulher-sem-roupas-e-achado-em-parque-da-asa-norte
Maria Júlia de Alvim	Feminicídio no DF: mulher é morta a facadas. Filhos testemunharam	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/feminicidio-no-df-mulher-e-morta-a-facadas-filhos-testemunharam
Maria das Graças Peres de Oliveira	Homem se mata após assassinar companheira a pauladas	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/homem-se-mata-apos-assassinar-companheira-a-pauladas
Lucileide dos Santos Carvalho	Mulher é morta a facadas no DF e namorado é o principal suspeito	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mulher-e-morta-a-facadas-no-df-e-namorado-e-o-principal-suspeito
Esther de Araújo Costa	“Quando perdia a paciência, jogava a bebê no chão”, diz mãe de Esther	https://www.metropoles.com/distrito-federal/quando-perdia-a-paciencia-jogava-a-bebe-no-chao-diz-mae-de-esther
Arlete Campos de Oliveira	DF: homem mata mulher a facadas e dorme ao lado do corpo	https://www.metropoles.com/distrito-federal/df-homem-mata-mulher-a-facadas-e-dorme-ao-lado-do-corpo

Mônica Benvindo da Costa	Mãe de seis filhos é morta a facadas pelo companheiro no DF	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mae-de-seis-filhos-e-morta-a-facadas-pelo-companheiro-no-df
Natacha Cristina Rocha dos Santos	Irmãs são esfaqueadas no Natal. PCDF procura namorado de uma delas	https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/tragedia-no-natal-duas-jovens-sao-esfaqueadas-e-uma-delas-morre-no-df

Fonte: Elaborada pela autora.

Com a falta de algumas matérias foi feita então a busca pelas formas que as vítimas foram assassinadas. Dos 28 feminicídios cometidos, apenas dois deles não tiveram nenhuma matéria publicada, aqueles em que as vítimas foram identificadas pela polícia apenas pelas iniciais, não foi possível descobrir o motivo pelo qual a policial optou por não divulgar essas informações.

Os casos foram o de L.N.T.G, morta em Sobradinho II por uma arma branca. O agressor também só foi identificado pelas iniciais E.T.G; e o de L.C.M, agredida até a morte em Brasília, e que não teve seu assassino identificado pelo *Jornal de Brasília*, o responsável por descobrir os dois casos junto à polícia.

Alguns dos crimes tiveram matérias de continuação, mas somente as primeiras matérias publicadas após a confirmação da morte, condição necessária para o crime de feminicídio, irão ser estudadas em função de perceber como os casos são noticiados no primeiro momento, não contemplando suítes jornalísticas.

5.2 Exploração do material

A exploração do material é “a fase da análise propriamente dita. Não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas” (BARDIN 2016).

Nesse caso será a aplicação das categorias criadas por mim nas matérias do *Metrópoles*.

Será feita a análise de conteúdo categorial proposta por Bardin (2016) e foram criadas quatro categorias:

- **A vítima:** a vítima é o mais importante fator nessa análise. Como o feminicídio é cometido contra uma mulher é necessário ver como ela é apresentada, se apenas como uma vítima qualquer de mais um homicídio, ou como uma mulher que foi subestimada e morta por seu gênero e que em algum momento pode ou não ter sofrido outra violência do agressor em questão. Além disso, procura-se saber como elas são mostradas ao público, se como um ser humano independente, ou se ela é sempre ligada ao seu agressor, como por meio de fotos e pelas falas de seus familiares e amigos.
- **O agressor:** aqui pretende-se entender quem são esses assassinos, o que os levam a acreditar que tem poder sobre a vida de outra pessoa, que se veem na razão de destruir não só outra família, mas a dele própria, já que alguns dos agressores tinham filhos com as suas vítimas e porque eles se vêem no direito de impor sua vontade perante a todos, inclusive a lei. Tenta-se entender também se as matérias expõem esses criminosos como um ex-companheiro amoroso, bom amigo e pai de família, o qual surpreendeu a todos os conhecidos com o que fez, ou um assassino frio e se tentam justificar seus crimes.
- **O crime:** um dos locais do crime parece sempre se repetir, a casa da vítima junto de seu agressor. Aqui procura-se entender o porquê algumas cenas de crimes parecem ser tão importantes, a ponto de os jornais publicarem fotos quase explícitas, onde é possível ver o corpo da recém falecida com seu sangue escorrendo, a arma do crime ao lado do corpo do agressor e a família e vizinhos que acabaram de passar pelo choque e sofrendo, de ver um crime tão odioso acontecer tão perto, em lugares que antes eram tranquilos. É também observado até que ponto é

necessário dar os detalhes do assassinato, informar os pedidos de socorro da vítima, o trauma dos filhos ao ver os pais mortos, ou o estado que ficou o local depois do ocorrido.

- **Autoria das matérias:** aqui é onde pretende-se descobrir e entender quem são as pessoas por trás das coberturas desses casos, mais homens, mais mulheres, ou ambos se auxiliam para uma publicação mais cuidadosa em respeito às vítimas que se foram e aqueles que às perderam? Busca-se saber também se as matérias têm o cuidado de serem publicadas no dia que aconteceram, como é normalmente feito no jornalismo dos dias atuais, algo mais imediato.

5.2.1 A vítima

As subcategorias desse tópico são as seguintes: **Dados; A família da vítima; Fotos da vítima; Falas da vítima; Falas da família/amigos.**

- a) **Dados:** foram fornecidos dados sobre a vítima?

Foram contabilizadas 22 matérias em que os dados das vítimas foram apresentados, em geral seus nomes, idades, o que faziam e se tinham filhos, mas em quase nenhuma era falado sobre sua vida como um indivíduo único.

Termos como “a namorada” e “a mulher”, no sentido de afirmar o relacionamento da vítima e agressor. Quando usados logo no começo de matérias para identificar as vítimas parecem sinalizar um sentimento que elas pertenciam àqueles assassinos, que não eram indivíduos fora daquele relacionamento.

Em comparação, isso acontece na matéria sobre o caso de Jusselia Martins de Godoy já coloca logo na primeira frase a sua profissão, advogada, a mostrando como quem era, o fato dela ter sido atacada em seu escritório pelo ex-marido pode ter sido o motivo de quererem deixar mais claro isso no

primeiro momento, assim como o da servidora pública Isa Mara Longuinho e o da funcionária do Ministério dos Direitos Humanos, Janaína Romão Lúcio.

Um caso excepcional entre esses é o da Maria Adeles Nunes, em que deixam claro que ela era dona do imóvel em que o agressor morava, mas para que fosse possível entender a ligação dos dois. O outro foi o de Laurielle Máximo Moreira, catadora de entulhos. No momento da reportagem ainda não se havia suspeitas de feminicídio. Assim, essa informação foi dada nesse caso por conta da condição em que vivia a vítima e por essa ter sido encontrada em um ponto de tráfico de drogas.

b) A família da vítima: foram citados seus familiares e/ou sua reação com relação ao crime?

Em 16 matérias, os jornalistas decidiram falar sobre os familiares das vítimas e citar algumas das suas reações. O uso desse artifício pode servir para ilustrar melhor a matéria, dar mais “humanidade” a ela, ou até mesmo causar mais comoção no leitor, mas é preciso pensar até que ponto o jornalismo pode chegar, de forma ética, sem expor aqueles que acabaram de passar por uma tragédia e sem tornar a matéria sensacionalista.

Houve dois casos que passaram dos limites da ética jornalística. Foram eles os assassinatos de Jéssyka Laynara e de Mary Stella dos Santos. No primeiro, a matéria detalha o desespero do pai de Jéssyka, que transtornado e tendo que ser amparado pelos presentes no local, gritava, implorando para que sua filha voltasse a vida e insultando o ex-namorado da moça, ainda sem aceitar o que tinha acontecido.

Logo após saber da morte da filha, o pai de Jéssyka chegou na casa totalmente transtornado. “Infeliz, desgraçado. Eu quero minha filha de volta”. Ele foi amparado por amigos e familiares, mas não conseguiu conter o desespero: “Filha, filha! Volta! Esse cara não é dono do mundo” (CARONE; CARVALHO; FUZEIRA. *Metrópoles*, 2018)¹³

¹³ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/df-pm-mata-ex-atira-em-professor-de-academia-de-ginastica-e-foge> . Acesso em: 22 out. 2021

No segundo caso, o repórter decide colocar a reação do filho de 2 anos de Mary Stella depois de ver seu pai assassinando a sua mãe e em seguida cometendo suicídio. A criança se desespera e grita, chamando por seus pais, além de não querer que ninguém chegasse perto deles, ele estava no colo do pai no momento do crime. “...’Ele não queria que ninguém chegasse perto deles. Só dizia ‘papai e mamãe’. Depois que o levamos para dentro da minha casa, não quis mais sair” (ARAÚJO; MEDEIROS. *Metrópoles*, 2018)¹⁴

c) **Fotos da vítima:** publicações de fotos dela sozinha e/ou com o agressor?

Foram encontradas 13 publicações com fotos das vítimas, para identificá-las. Dessas, cinco eram com o agressor, do período em que eles estavam juntos. A escolha de fotos de casais felizes, sendo que um dos parceiros assassinou o outro pode induzir à ideia de que algo externo causou aquele crime, sem ter ligação com a própria dinâmica do relacionamento, já que estavam felizes.

A publicação de fotos com o assassino pode também induzir a culpabilizar a vítima pelo seu relacionamento, como foi o caso da morte de Tauane Moraes dos Santos.

A jovem foi morta pelo ex-companheiro, o qual havia denunciado dias antes por ameaça e teve na capa da sua matéria uma foto com seu assassino, ambos sorrindo.

¹⁴ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/homem-mata-mulher-a-tiros-e-depois-comete-suicidio-no-df> . Acesso em: 22 out. 2021.

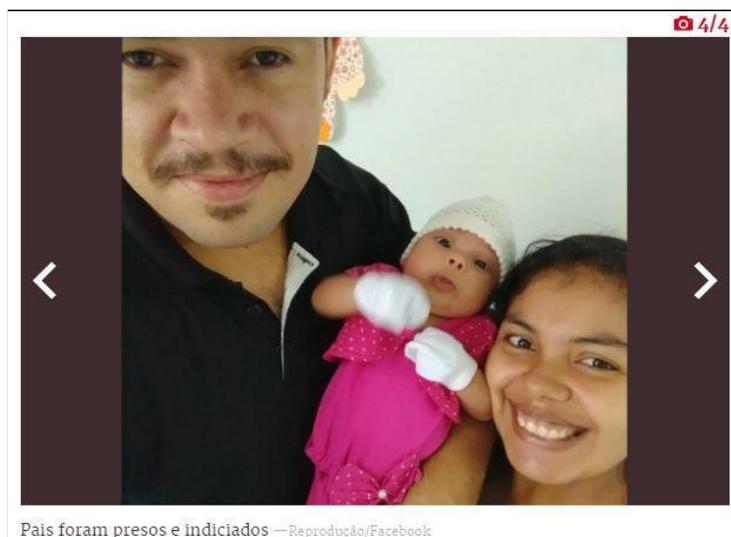
Foto 3 – Foto da matéria “Homem mata ex um dia após ser solto em audiência de custódia no DF”



Fonte: *Metrópoles*. 2018.

Um caso que também chama atenção foi o da pequena Esther de Araújo Costa, de 6 meses. Ela foi morta pelos pais e foi o primeiro caso julgado como feminicídio de uma bebê no país. A criança foi torturada e ficou internada por quatro dias quando não resistiu e acabou falecendo. O uso das fotos da bebê com pais, mostrando o que parecia ser uma família amorosa, também pode ser questionável. Entretanto, podemos avaliar por outro lado: ao mostrar as famílias felizes a cobertura pode também indicar que os crimes acontecem em ambiente familiares e não se dão entre estranhos.

Foto 4 – Foto da galeria da matéria “‘Quando perdia a paciência, jogava a bebê no chão’, diz mãe de Esther”



Fonte: *Metrópoles*. 2018.

d) **Falas da vítima:** comentários que ela tenha feito sobre a situação, se sentia medo ou temia pela vida?

Muitas vítimas já sofriam violências antes dos crimes de feminicídio. Nesse tópico analisei comentários feitos por elas a pessoas próximas ou policiais, sobre as agressões sofridas e o medo que elas possivelmente tinham.

Apenas cinco matérias publicaram falas desse tipo da vítima, algumas delas foram os casos de Jéssyka Laynara da Silva Souza, que citou “madrinha, se eu for até para os Estados Unidos, ele vai me matar” (CARONE; CARVALHO; FUZEIRA, 2018). Tauane Moraes dos Santos, que falou que Vinícius Rodrigues de Sousa sempre foi agressivo e ciumento (PINHEIRO, 2018) e Simone de Sousa Lima, que chegou a fazer uma ocorrência contra o ex-companheiro (PINHEIRO; FUZEIRA, 2018).

Isso mostra que algumas dessas mulheres já esperavam por esse fim ou temiam que ele chegasse e, apesar de terem feitas denúncias e conversado com amigos e familiares, as pessoas parecem não levar a sério quando uma mulher diz temer ser morta pelo companheiro. Elas não são protegidas pelas autoridades nem por conhecidos, casos como o que foram falados até agora, poderiam ter sido evitados se tivessem sido tratados com mais seriedade.

e) Falas da família/amigos: comentários feitos por pessoas próximas?

Quando falamos de depoimentos a jornais, de testemunhas ou pessoas próximas é preciso se analisar as falas nas matérias. Nas dez matérias que apresentam esse tipo de aspas, todas também correspondem a falas de familiares/amigos dos agressores, pois as testemunhas ouvidas eram próximas de ambos.

Quando se é falado, por exemplo, o da reportagem sobre Isabel Lino de Souza, lemos “Vizinhos contaram à reportagem que mãe e filho moravam há dois anos na casa. ‘Ele já foi internado e nós ficávamos com medo. Achávamos que ele iria matar a mãe. Infelizmente, aconteceu...’” (EUGÊNIA; MEDEIROS, 2018). Essa é uma fala que faz sentido para a matéria, não tenta mostrar o agressor como um filho bom e carinhoso como fazem em algumas matérias que se tem o companheiro como agressor.

Isso é diferente, porém, de quando lemos “Paulo Melo, síndico do bloco, disse que os dois aparentavam ser tranquilos. ‘Nunca vi nenhuma briga deles. Recentemente, trocaram de carro e pareciam felizes’” (ALCÂNTARA; ARAÚJO; CARDIM, 2018), pois tem-se a impressão de ser um caso impensado. Apesar de não ser obrigação do síndico saber se as outras pessoas têm ou não problemas em seus relacionamentos, esse tipo de fala quase banaliza o crime, algo inaceitável dentro de uma matéria jornalística.

5.2.2 O agressor

As subcategorias desse tópico são: **Dados; A família do agressor; Fotos do agressor; Falas do agressor; Falas da família/amigos.**

a) Dados: foram fornecidos dados sobre o agressor?

As 22 matérias em que pudemos ver os dados das vítimas sendo divulgados são as mesmas em que os dados do agressor também foram apresentados. Nessas matérias em questão os agressores não ficaram “presos” ao estigma de marido, namorado ou ex, eles eram apresentados

principalmente com o que trabalhavam. Foi visto a citação de PMs, taxistas e até piloto do metrô.

Falar sobre os assassinatos cometidos pelos policiais militares é de extrema importância, principalmente porque eram homens que juraram proteger a sociedade e tinham a posse de arma para isso, mas acabaram por usar esse poder para seu bel prazer.

Observa-se também um maior cuidado na busca por essas informações, algo que não acontece com relação às vítimas desses crimes.

No dia em que a Lei Maria da Penha completa 12 anos de sanção, um policial militar matou a mulher e tirou a própria vida no Riacho Fundo II. De acordo com informações da Polícia Militar, Epaminondas Silva Santos, 51 anos, lotado no 8º Batalhão (Ceilândia), assassinou a companheira, Adriana Castro Rosa Santos, 40, por volta das 10h desta terça-feira (7/8), na QN 7, Conjunto 4, em frente à casa 13, Riacho Fundo II. (EUGÊNIA; CARDIM. *Metrópoles*, 2018)

b) **A família do agressor:** foram citados seus familiares e/ou sua reação com relação ao crime?

Em comparação aos familiares das vítimas, apenas nove matérias fizeram alguma menção à família do agressor. Em sua maioria, eram os mesmos das mulheres que morreram.

Foi o caso do filho de Maria Júlia de Alvim e Orlando Sousa Alves que contou aos jornalistas que o pai ameaçava e agredia a mãe com frequência e sua irmã que foi quem acionou o serviço de emergência na tentativa de salvar a mãe (PINHEIRO; CAIXETA, 2018).

Isso contribui para que não seja construída uma imagem positiva do agressor.

c) **Fotos do agressor:** publicações de fotos dele sozinho e/ou com a vítima?

Em 14 reportagens são publicadas fotos do agressor. Como já dito anteriormente, cinco delas são fotos de casais enquanto as outras nove são deles individualmente.

A publicação de fotos dos agressores pode ser muito importante, principalmente em casos que esses estão foragidos e os leitores podem ajudar nessa busca, para isso o repórter deve escolher a foto que melhor identifique o criminoso.

De um modo geral, não foram identificados problemas com as fotos escolhidas, com exceção de uma que em que a foto usada é claramente antiga, o que não ajudaria na identificação do criminoso.

Foto 5 – Foto de capa da matéria “Após discussão, taxista mata mulher a tiros no Distrito Federal”



Fonte: *Metrópoles*, 2018

d) Falas do agressor: comentários que ele tenha feito sobre a situação ou se tinha planejado o ocorrido?

Em oito matérias foram publicadas “falas” do agressor, sendo elas prints de postagens feitas com ameaças, comentários feito para amigos e até mesmo ligações para familiares avisando que o crime havia sido cometido, como foi o caso da morte de Janaína Romão.

Foto 6 – Imagem usada na matéria “Funcionária do Ministério dos Direitos Humanos é morta por ex-marido”



Fonte: *Metrópoles*, 2018

e) **Falas da família/amigos:** comentários feitos por pessoas próximas?

O número de falas de conhecidos foi semelhante ao das vítimas, 11 matérias. Nestas foi possível ver comentários feitos por vizinhos e conhecidos que falavam com surpresa do ato cometido por quem conheciam.

“Ontem [quinta], bebemos cerveja juntos e ele disse que estava pensando em fazer uma besteira, mas eu imaginei que a besteira era apenas pedir o divórcio. Jamais imaginei que ele quisesse cometer uma barbaridade dessas” (ARAÚJO; MEDEIROS, 2018)¹⁵

5.2.3 O crime

As subcategorias desse tópico são: **Fotos da cena; Descrição dos detalhes.**

¹⁵ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/homem-mata-mulher-a-tiros-e-depois-comete-suicidio-no-df> . Acesso em: 22 out. 2021.

a) Fotos da cena: qualquer foto feita na cena do crime, seja com os corpos ou apenas dos policiais no local.

Assim como as fotos de casais, alguns tipos de fotos de cenas do crime não são necessárias. Das 26 matérias estudadas, 11 usaram fotos das cenas do crime para “ilustrar” o ocorrido, de um modo geral eram fotos das casas, das fitas de isolamento da polícia e de testemunhas que acompanhavam a perícia no local.

Das 11 publicações, três delas apresentam problemas. São elas a das matérias “Filho mata a mãe com cinco golpes de guidão de bicicleta na cabeça” (EUGÊNIA; MEDEIROS, 2018), “Piloto do Metrô-DF mata a mulher e se suicida na frente do filho” (ARAÚJO; MEDEIROS, 2018) e a matéria “PM matou mulher e tirou a própria vida na frente dos filhos no DF” (EUGÊNIA; CARDIM, 2018).

Essas três reportagens publicaram fotos explícitas da cena do crime, nelas é possível ver corpos caídos, outros cobertos, sangue espalhado pelo local, as armas do crime, uma ensanguentada e o revólver da outra ao lado de um dos corpos. Em apenas uma dessas matérias havia o aviso de “imagens fortes”. O *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros* (2007) veta esse tipo de imagem, de caráter mórbido. Imagens como essas poderiam tanto ser deixadas de lado quanto substituídas por outras.

Foto 7 - Foto da matéria “PM matou mulher e tirou a própria vida na frente dos filhos no DF” do jornal *Metrópoles*



Fonte: Michael Melo/ Metr poles.

b) Descri o dos detalhes: a matéria fez descri es da cena, como quantidade de tiros, facadas, ou estado da cena no momento da chegada das autoridades?

Praticamente todas as reportagens, com exce o de uma, d o detalhes dos acontecimentos, isso ajuda o leitor a entender cada caso e é algo já presente em matérias jornalísticas, detalhes fazem parte da notícia.

Detalhar os casos, como por exemplo na matéria “Maria Adeles Nunes Pereira, 45, foi atingida por cerca de cinco golpes de faca” (PINHEIRO, 2018), é algo que está dentro da  tica do jornalista e que segue os padrões de uma cobertura.

Enquanto que “A mãe de Adriana, Dona Graça, entrou em desespero ao ver a filha agonizando” (EUGÊNIA; CARDIM, 2018) e “Ajudei ela a se sentar e, na minha frente, ele a atingiu mais duas vezes”, disse ao Metr poles. ‘Verifiquei os sinais vitais. Ela ainda deu alguns suspiros, mas não resistiu’, afirmou, em estado de choque.” (EUGÊNIA; MEDEIROS, 2018) são detalhes adicionados

às matérias que causam comoção, revolta, emoções, mas não avançam em esclarecimentos.

5.2.4 Autoria das matérias

As subcategorias desse tópico são: **Escrita por homens; Escrita por mulheres; Escrita por ambos; Publicação na data.**

a) **Escrita por homens:** se a matéria foi escrita apenas por homens.

A autoria dos homens se deu na maioria das reportagens estudadas. Onze delas tiveram participações exclusivamente masculinas, mas é correto homens cobrirem casos desse tipo? Sim, mas nessas horas eles têm o dever de ter o cuidado redobrado na sua cobertura.

A publicação de justificativas como “por ciúmes”, “dinheiro”, “não aceitava o fim do relacionamento” não deve ficar sendo usada. Esse tipo de crime não é algo justificável e senti que isso acontecia principalmente em coberturas masculinas, como foi o caso da cobertura de Otto Valle em que ele fala “A vítima foi atacada em seu escritório, no bairro Jardim Roriz, em Planaltina. O motivo seria ciúme e briga patrimonial.” (VALLE, 2018)¹⁶ e a matéria de Victor Fuzeira “Um dos golpes atingiu o rosto e pode comprometer a visão da vítima. A motivação do crime seria o fim do relacionamento.” (FUZEIRA, 2018).¹⁷

b) **Escrita por mulheres:** se a matéria foi escrita exclusivamente por mulheres.

As mulheres não estão isentas de cometer erros semelhantes, nas oito reportagens feitas por uma equipe exclusivamente feminina, é possível ver erros semelhantes.

¹⁶ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/morre-advogada-atacada-a-tiros-por-ex-marido-em-planaltina> . Acesso em: 22 out .2021.

¹⁷ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/df-homem-mata-mulher-a-facadas-e-dorme-ao-lado-do-corpo> . Acesso em: 22 out. 2021

A cultura machista na qual crescemos na sociedade e muitas vezes temos que lidar dentro das redações cega as jornalistas na hora da cobertura, as fazendo esquecer que naquele momento estão contando histórias de mulheres como elas, casos que poderiam acontecer com amigas, conhecidas ou elas mesmas.

A criação do *Elas por Elas* ajudou a mudar isso principalmente porque ali um grupo de mulheres estuda, aprende e tenta tornar o ambiente do portal o mais confortável possível, inclusive na hora de se falar dos piores casos.

c) **Escrita por ambos:** se mulheres e homens trabalharam juntos na reportagem.

Sete reportagens tiveram uma parceria conjunta entre homens e mulheres, o que para mim é algo interessante de se ver. A presença masculina muitas vezes é bem-vinda, principalmente quando eles se dispõem a aprender sobre essa “nova” tipificação e a maneira correta de cobri-la. A diversidade dos pontos de vista é útil para a construção conjunta de uma percepção justa e adequada do feminicídio.

Apesar de 85% das matérias apresentarem os dados das vítimas, em quatro essas informações não foram dadas, sendo três delas foram escritas por homens e uma única por uma mulher.

Apenas uma delas teve uma continuação, essa apesar de também ter sido escrita por um homem, mostra um certo descaso com as outras vítimas. Em dois casos em que os corpos foram carbonizados, apenas o da capoeirista, Sandra Rodrigues, pareceu ser merecedor de uma nova publicação informando que ela havia sido identificada, mas o de Talita Silva Martins, que também foi noticiado que foi torturada antes de ser queimada, não pareceu chamar tanta atenção assim para um acompanhamento mais próximo pelo repórter.

Já no caso do assassinato de Palloma Lima, a única matéria dessas que foi escrita por uma jornalista mulher, o fato dela ter sido morta pelo namorado durante um suposto jogo de roleta russa, não pareceu ter peso para uma

continuação, ou seque ser cogitado como um feminicídio, assim como Lucicleide dos Santos Carvalho, que foi morta a facadas pelo namorado, mas nesse o tipo de crime já é informado.

d) Publicação na data: a matéria foi publicada no dia do crime?.

Foram 20 matérias publicadas no dia respectivo de cada caso, o que faz sentido quando consideramos a guerra pelos cliques e a necessidade do imediato que faz com que as matérias estejam o mais rápido possível on-line. Mas também atende à ideia de imediatismo jornalístico, em que um acontecimento precisa ser publicado assim que é apurado.

5.3 Resultados gerais

Ao separar todas as matérias que seguiam as condições de análise, tivemos um total de 26, dessas, 22 apresentavam dados da vítima de alguma forma, seja nome, idade ou profissão, as mesmas também apresentavam dados equivalente sobre o agressor. Nenhuma publicação apresentou dados de apenas um deles.

Das quatro matérias que inicialmente não identificaram nenhum dos dois envolvidos, apenas uma teve uma continuação ou atualização do caso posteriormente.

Em 16 das 26 reportagens foram citados os familiares das vítimas, que estiveram presentes nas cenas dos crimes, ou tiveram registradas as suas reações sobre o caso, enquanto os familiares do agressor apareceram em apenas nove matérias. Alguns dos casos eram citados parentes dos dois, como por exemplo nos casos dos filhos.

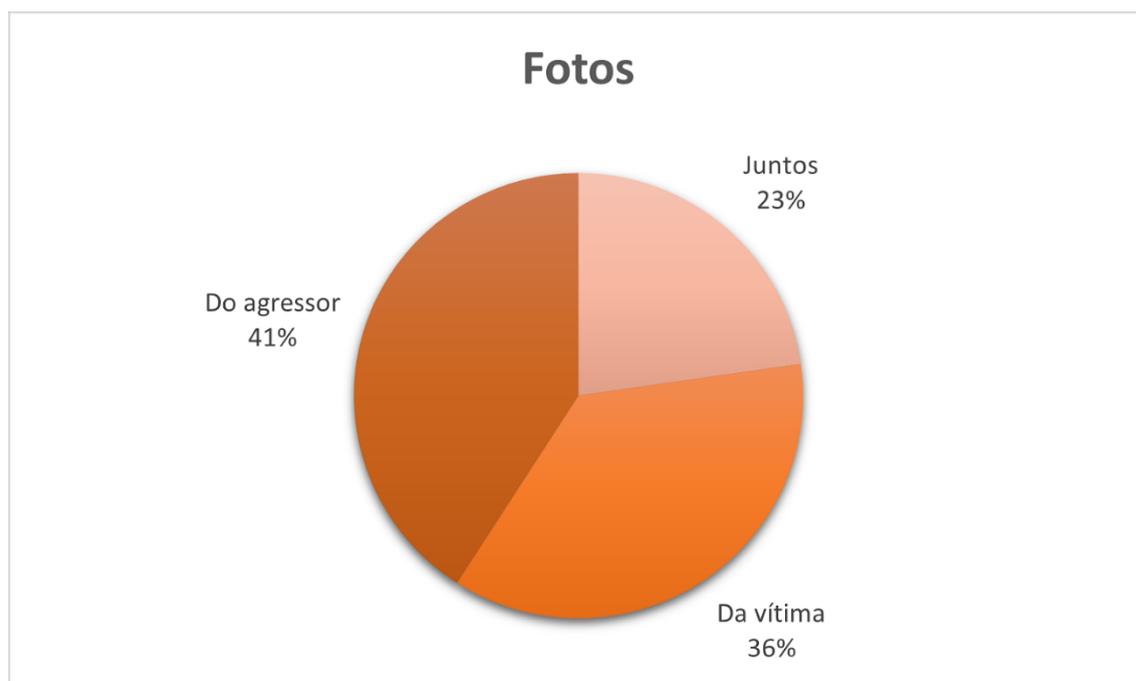
Enquanto isso, a presença de falas de amigos ou familiares se mostrou equilibrada, sendo 11 com ligação ao agressor contra dez da vítima.

Ao analisar as matérias que possuem as “falas” dos envolvidos, foi observado que oito delas tinham alguma citação do criminoso e cinco da falecida. Foi levado em consideração neste tópico falas das moças que teriam comentado sobre o temor pela vida ou um aumento no nível de agressão pelo

parceiro, e comentários feitos pelo homem sobre planejamentos do assassinato ou justificativas do ato, após sua prisão.

Apesar de ser mais fácil achar falas dos agressores, senti que não houve um cuidado na busca dessas informações, parecia que naquele momento apenas o que o assassino tem a dizer era importante e não os sentimentos da vítima que antecederam o momento

Quando os envolvidos tinham suas fotos reveladas, o que aconteceu em um total de 17 publicações, em 5 delas os jornalistas optaram por postar fotos deles juntos.

Gráfico 1- Comparativo das fotos postadas sozinhos e juntos

Fonte: Autora

Quando falamos sobre a cena do crime, ou ele em si, apenas uma matéria optou por não fazer uma descrição do ocorrido, todas as outras apresentaram detalhes de como aconteceu, deram detalhes específicos da forma que as mulheres foram assassinadas ou sobre como os locais foram encontrados.

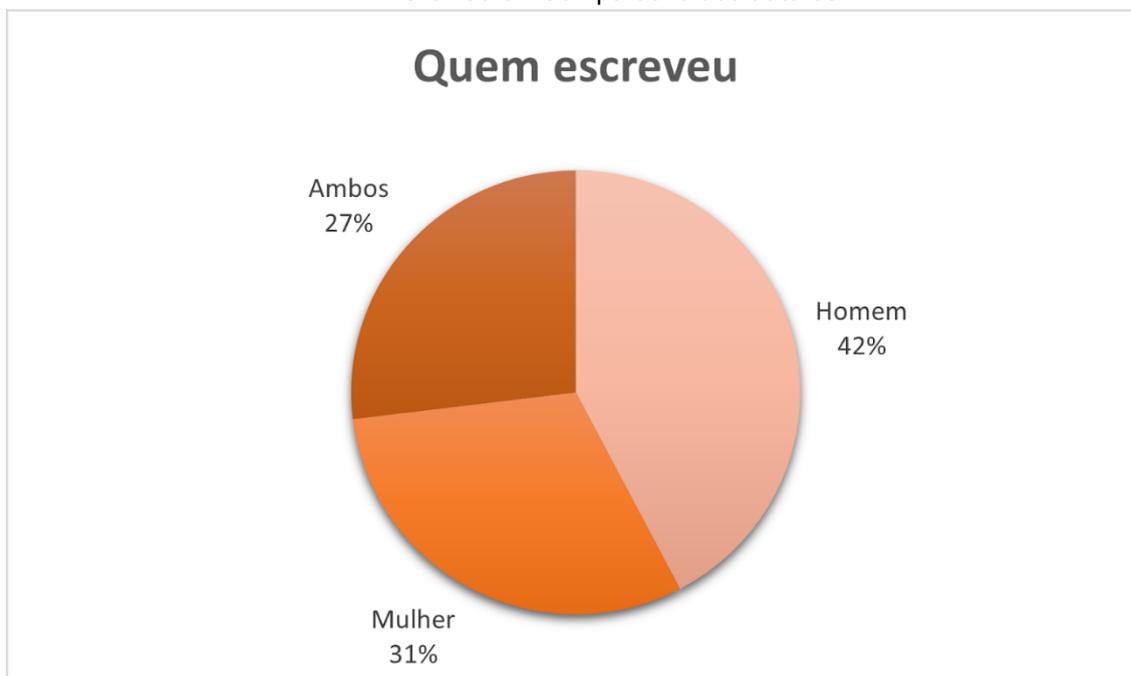
Já com relação a fotografias, menos da metade optou por utilizar fotos das cenas do crime, apenas 11, mas 3 delas colocaram imagens, que podemos descrever como explícitas. Fotos dos corpos estirados, dois dos casos com eles cobertos, imagens do sangue espalhado pelo local e até mesmo das armas dos crimes ao lado dos falecidos. Somente uma delas continha o aviso de cenas fortes.

Gráfico 2- Comparativo das fotos da cena do crime

Fonte: Autora.

Quando nos voltamos para as reportagens em si, 20 delas foram publicadas nas datas correspondentes aos crimes e das 26 matérias apenas oito foram escritas exclusivamente por mulheres.

Jornalistas homens tiveram maior participação nessas publicações, 11 foram produzidas por uma equipe totalmente masculina e eles ainda estiveram presentes em outras sete juntamente com jornalistas do sexo feminino.

Gráfico 3 - Comparativo dos autores

Fonte: Autora

O gráfico acima mostra que os homens ocupam 69% dele no total enquanto as mulheres representam 58%, uma diferença de 11% das matérias analisadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura dos crimes de feminicídio no Brasil pelos jornais e portais on-line do país, teve seu início marcado pelo sensacionalismo e a cultura machista presente no dia a dia da sociedade, uma mudança desse tipo não é possível da noite para o dia e menos ainda se for feita individualmente, um jornal de cada vez.

É preciso haver uma conversa, mesmo que indireta entre as redações, um acordo sobre como será feita a cobertura desses crimes, além disso é essencial que se desmitifique esse assunto dentro dos ambientes dos jornais.

A necessidade de se ter mais mulheres nas salas de comando dos grupos e ter a participação e ensinamento para os jornalistas homens fará toda a diferença na hora de contar essas histórias.

A imprensa tem um papel essencial dentro da sociedade mundial, ela é a ponte entre todas as classes sociais, a mídia é a responsável por iniciar as conversas sobre assuntos mais difíceis. Cobrar das autoridades policiais e políticas a solução e diminuição desses crimes e pedir para que se trabalhe desde cedo nas escolas e dentro de casa uma educação social, em que homens não podem rebaixar as mulheres por sua condição de gênero e que essas não podem se submeter ao terror imposto por eles.

Os jornais devem ser um instrumento de interlocução entre os poderes e a sociedade, devem ser a voz daqueles que tiveram seus entes queridos levados por uma violência que já têm leis de proteção. Eles precisam sempre se adaptar às novas realidades que são impostas para as redações, os novos desafios e coberturas cada vez mais difíceis, mas que precisam começar com uma conversa e deixar a competição por clique para trás, pelo menos até que a sociedade entenda o que está acontecendo.

Conclui-se com esse estudo que no ano de 2018, o *Metrópolis* realizou uma cobertura por vezes machista e sensacionalista, quando vemos a presença maior de matérias produzidas por homens, informações mais focadas nos agressores, fotos que expõem as vítimas e detalhes íntimos das testemunhas dos crimes.

Com o passar dos anos e a criação do editorial *Elas por Elas*, o *Metrópolis* conseguiu chamar a atenção dos seus leitores para melhorar a sua credibilidade com relação às coberturas dos crimes de feminicídio, além de se tornar exemplo para outros jornais e também os futuros jornalistas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Manoela; ARAÚJO, Saulo; CARDIM, Nathália. **PCDF investiga arma usada por homem que matou a mulher e suicidou-se**. Metrôpoles, Brasília 06 de março de 2018. Disponível em : <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/homem-assassina-a-propria-mulher-e-se-mata-na-406-sul> . Acesso em: 22/10/2021

ALVES, Pedro. **PM e namorada mortos no DF: suspeita de homicídio seguido de suicídio**. Metrôpoles, Brasília 09 de janeiro de 2018. Disponível em : <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/pm-e-namorada-mortos-no-df-suspeita-de-homicidio-seguido-de-suicidio?amp> . Acesso em: 22/10/2021

ARAÚJO, Saulo.; MEDEIROS, Bruno. **Piloto do Metrô-DF mata a mulher e se suicida na frente do filho**. Metrôpoles, Brasília, 16 de março de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/homem-mata-mulher-a-tiros-e-depois-comete-suicidio-no-df> . Acesso em: 22/10/2021

ASSASSINATO de Ângela Diniz, Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-angela-diniz/> Acesso em 16/08/2021

BARBOSA, Jeová Rodrigues. **Feminicídio no Brasil. Raízes, estratégias e resultados**, ed do autor, Clube de Autores, 2018.

BARDIN, Laurin. **Análise de Conteúdo**, ed 70, São Paulo, 2016

BH registra primeiro caso de feminicídio. Brasil247, Belo Horizonte, 10 de março de 2015. Disponível em: <https://www.brasil247.com/geral/bh-registra-primeiro-caso-de-feminicidio> . Acesso em: 24/05/2021

BRAVO, Renata. **Feminicídio tipificação, poder e discurso**, ed Lumen Juris, Rio de Janeiro, 2019.

BUENO; Samira; MARTINS; Juliana. **Nada a comemorar**. G1, 07 de março de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/nada-a-comemorar.ghtml>
Acesso em: 20/20/21

CAIXETA, Fernando. **Mulher morre ao cair de prédio na Asa Sul. Suspeita é de feminicídio**. Metrôpoles, Brasília, 06 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mulher-morre-ao-cair-de-predio-na-asa-sul> . Acesso em: 22/10/2021

CAIXETA, Fernando. **Mulher é morta a facadas no DF e namorado é o principal suspeito**. Metrôpoles, Brasília, 23 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mulher-e-morta-a-facadas-no-df-e-namorado-e-o-principal-suspeito> . Acesso em: 22/10/2021

CAIXETA, Fernando; EUGÊNIA, Maria. **DF: homem mata companheira com 20 facadas na frente da filha e foge**. Metrôpoles, Brasília, 26 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/df-homem-mata-companheira-com-20-facadas-na-frente-da-filha-e-foge> . Acesso em: 22/10/2021

CARDIM, Nathália. **Funcionária do Ministério dos Direitos Humanos é morta por ex-marido**. Metrôpoles, Brasília, 15 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/funcionaria-do-ministerio-dos-direitos-humanos-e-morta-por-ex-marido> . Acesso em: 22/10/2021

CARDIM, Nathália. **Após discussão, taxista mata mulher a tiros no Distrito Federal**. Metrôpoles, Brasília, 06 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-discussao-taxista-mata-mulher-a-tiros-no-distrito-federal> . Acesso em: 22/10/2021

CARDIM, Nathália. **Irmãs são esfaqueadas no Natal. PCDF procura namorado de uma delas**. Metrôpoles, Brasília, 25 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/tragedia-no-natal-duas-jovens-sao-esfaqueadas-e-uma-delas-morre-no-df> . Acesso em: 22/10/2021

CARONE, Carlos; CARVALHO, Douglas; FUZEIRA, Victor. **PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF**. Metrôpoles,

Brasília, 04 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/df-pm-mata-ex-atira-e-m-professor-de-academia-de-ginastica-e-foge> . Acesso em: 22/10/2021

DA, Redação. **Homem se mata após assassinar companheira a pauladas.** Metrôpoles, Brasília, 13 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/homem-se-mata-apos-assassinar-companheira-a-pauladas> . Acesso em: 22/10/2021

DF, G1, **Distrito Federal registra primeira condenação por feminicídio.** G1, Brasília, 17 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/12/distrito-federal-registra-primeira-condenacao-por-feminicidio.html> . Acesso em: 05/10/2021

DICIO. **Feminicídio.** Disponível em: <https://www.dicio.com.br/feminicidio/> . Acesso em: 19/06/2021

ESTADO, Agência. **Brasil registra um caso de feminicídio a cada 6 horas e meia.** Correio Braziliense, Brasília, 15 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/07/4937873-brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-6-horas-e-meia.html> Acesso em: 20/10/21

EUGÊNIA, Maria. **Jovem de 18 anos morre com tiro na cabeça após roleta russa no DF.** Metrôpoles, Brasília, 09 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/jovem-de-18-anos-morre-com-tiro-na-cabeça-apos-roleta-russa-no-df?amp> . Acesso em: 22/10/2021

EUGÊNIA, Maria. **Mãe de seis filhos é morta a facadas pelo companheiro no DF.** Metrôpoles, Brasília, 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mae-de-seis-filhos-e-morta-a-facadas-pelo-companheiro-no-df> . Acesso em: 22/10/2021

EUGÊNIA, Maria; CARDIM, Nathália. **PM matou mulher e tirou a própria vida na frente dos filhos no DF.** Metrôpoles, Brasília, 09 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/policial-militar-mata-ex-mulher-e-tira-a-propria-vida-no-df> . Acesso em: 22/10/2021

EUGÊNIA, Maria.; MEDEIROS, Bruno. **Filho mata a mãe com cinco golpes de guidão de bicicleta na cabeça**. Metrôpoles, Brasília, 22 de fevereiro de 2018. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/filho-mata-a-propria-mae-com-barra-de-ferro-no-df?amp> . Acesso em: 22/10/2021

FEMINICÍDIO: PM é condenado a 19 anos pelo assassinato da mulher. Correio Braziliense, Brasília, 29 de março de 2017. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/03/29/interna_cidadesdf.584691/feminicidio-pm-e-condenado-a-19-anos-pelo-assassinato-da-mulher.shtml . Acesso em: 24/05/2021

FERRAZ, Ian. **Bombeiros encontram corpo queimado dentro de contêiner, no Guará**. Metrôpoles, Brasília, 04 de março de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-apagar-incendio-bombeiros-encontram-corpo-queimado-no-guara-i?amp> . Acesso em: 22/10/2021

FERREIRA, Bárbara.; CAMILO, José Vítor. **BH registra primeiro caso de feminicídio 2h após lei entrar em vigor**. O Tempo, Belo Horizonte, 10 de março de 2015. Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/cidades/bh-registra-primeiro-caso-de-feminicidio-2h-apos-lei-entrar-em-vigor-1.1006560> Acesso em: 24/05/2021

FUZEIRA, Victor. **DF: homem mata mulher a facadas e dorme ao lado do corpo**. Metrôpoles, Brasília, 05 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/df-homem-mata-mulher-a-facadas-e-dorme-ao-lado-do-corpo> . Acesso em: 22/10/2021

FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/> . Acesso em 16/08/21

GALVÃO, Agência Patrícia. **Violência contra as mulheres em dados**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/> Acesso em 16/08/2021

MEIRELES, Olívia. [Entrevista concedida a] Anna Beatriz Lopes Vieira, setembro de 2021.

MELLO, Adriana Ramos de. **Feminicídio. Uma análise sociojurídica da violência contra a mulher no Brasil**, ed GZ, Rio de Janeiro, 2020.

NOVELO, Rádio. **Praia dos Ossos**. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/> . Acesso em 10/04/21

OLIVEIRA, Daniely Benthien de. **A Tese da Legítima Defesa da Honra: o que é e por que é inconstitucional?**. Politize, 29 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/tese-da-legitima-defesa-da-honra/> . Acesso em 08/09/21

PLANALTO, Central. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l113104.htm Acesso em 25/07/2021

PINHEIRO, Mirelle. **Inquilino suspeito de matar dona de imóvel é achado em Ceilândia**. Metrôpoles, Brasília, 05 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/inquilino-suspeito-de-matar-dona-de-imovel-e-achado-em-ceilandia> . Acesso em: 22/10/2021

PINHEIRO, Mirelle. **Homem mata ex um dia após ser solto em audiência de custódia no DF**. Metrôpoles, Brasília, 07 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/homem-mata-ex-um-dia-apos-ser-solto-em-audiencia-de-custodia-no-df> . Acesso em: 22/10/2021

PINHEIRO, Mirelle; CARONE, Carlos. **Mulher achada nua na Asa Norte foi executada com cerca de 10 tiros**. Metrôpoles, Brasília, 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/corpo-de-mulher-sem-roupas-e-achado-em-parque-da-asa-norte> . Acesso em: 22/10/2021

PINHEIRO, Mirelle; CAIXETA, Fernando. **Feminicídio no DF: mulher é morta a facadas. Filhos testemunharam**. Metrôpoles, Brasília, 10 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/feminicidio-no-df-mulher-e-morta-a-facadas-filhos-testemunharam> . Acesso em: 22/10/2021

PINHEIRO, Mirelle; FUZEIRA, Victor. **Ex-marido é suspeito de matar mulher grávida com facão no DF**. Metrôpoles, Brasília, 03 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mulher-e-achada-morta-no-df-ex-marido-e-suspeito-do-crime> . Acesso em: 22/10/2021.

PINHEIRO, Mirelle. GUIMARÃES, Luísa. **“Quando perdia a paciência, jogava a bebê no chão”, diz mãe de Esther**. Metrôpoles, Brasília, 05 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/quando-perdia-a-paciencia-jogava-a-bebe-no-chao-diz-mae-de-esther> . Acesso em: 22/10/2021

PÚBLICA, Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Relatório de monitoramento dos feminicídios no Distrito Federal**. Disponível em: http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2021/06/NOVO__ACUMULADO_GERAL-2.pdf Acesso em 20/08/2021

PÚBLICA, Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Relatório de Análise de Fenômenos de Segurança Pública 2016**. Disponível em: http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/estatstica-048_2017-feminicidio-no-df_09mar15-a-31dez16.pdf Acesso em 22/11/2021

PÚBLICA, Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Relatório de Análise de Fenômenos de Segurança Pública 2017**. Disponível em: http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/Estat%C3%ADstica-012_2018-Feminic%C3%ADdio-no-DF_Jan_dez-2016_17.pdf Acesso em 22/11/2021

PÚBLICA, Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Relatório de Análise de Fenômenos de Segurança Pública 2018**. Disponível em: http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/Analise-FSP-001_2019-Feminicidio-no-DF_2017_18.pdf . Acesso em 18/08/2021

REDAÇÃO, Da. **Assassino do Riacho Fundo é o primeiro a ser condenado por feminicídio no DF**. Metrôpoles, Brasília, 16 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/justica-distrito-federal/assassino-do-riacho-fundo-e-o-primeiro-a-ser-condenado-por-feminicidio-no-df?amp> Acesso em: 05/10/2021

REIS, Thiago; CAESAR, Gabriela; VELASCO, Clara. **Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados**. G1, 07 de março de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml> . Acesso em 05/10/2021

RIOS, Mariana. **Primeiro caso de feminicídio em Ceilândia será julgado nesta quarta**. Metrôpoles, Brasília, 28 de março de 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/justica-distrito-federal/primeiro-caso-de-feminicidio-em-ceilandia-sera-julgado-nesta-quarta?amp> Acesso em: 05/10/2021

RODRIGUES, Ana Karolinne. **Dia da Mulher: JBr. relembra os casos das 28 vítimas de feminicídio em 2018**. Jornal de Brasília, Brasília, 08 de março de 2019. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/dia-da-mulher-jbr-relembra-os-casos-das-28-vitimas-de-feminicidio-em-2018/amp/> . Acesso em: 24/05/2021

RUSSELL, Diana. Disponível em : <https://www.dianarussell.com/defining-femicide-.html> . Acesso em: 23/07/2021

SP, G1. GLOBONEWS. **Doca Street, condenado por assassinar Ângela Diniz, morre em São Paulo**. G1, São Paulo, 18 de dezembro de 2020 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/12/18/doca-street-condenado-p-or-assassinar-angela-diniz-morre-em-sp.gh.html> . Acesso em 10/04/21

SPOTIFY. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2Kki0IWqyMWegWAF2mZOg> Acesso em 29/03/2021

TIPOS de Violência, Instituto Maria da Penha. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html> 25/07/2021

VALLE, Otto. **Morre advogada atacada a tiros por ex-marido em Planaltina**. Metrôpoles, Brasília, 10 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/morre-advogada-atacada-a-tiros-por-ex-marido-em-planaltina> . Acesso em: 22/10/2021.

VALLE, Otto. **Suspeita de tortura: corpo de mulher é achado carbonizado em banheiro**. Metrôpoles, Brasília, 14 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/suspeita-de-tortura-corpo-de-mulher-e-achado-carbonizado-em-banheiro> . Acesso em: 22/10/2021.

VELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Femicídios no Brasil. G1. Disponível em: http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/femicidios-no-brasil/?_ga=2.194436142.2034809153.1634776569-e3ff1a5c-0342-8b41-f7cd-a06a87585971 . Acesso em 20/10/21

ZAMBON, Eric. **DF: homem que assassinou a mulher e queimou o corpo dela pega 20 anos**. Metrôpoles, Brasília, 27 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/violencia-contra-a-mulher/df-homem-que-assassinou-a-mulher-e-queimou-o-corpo-dela-pega-20-anos> . Acesso em: 22/10/2021